

REBELDIA, MILITÂNCIA E PIRATARIA

Entrevista com o compositor Lobão

RESUMO

Um dos nomes de maior visibilidade do *rock* brasileiro nos anos oitenta, o compositor Lobão tem se dedicado em anos recentes a uma intensa militância em favor dos direitos da classe musical e contra o poder da indústria fonográfica. Na entrevista a seguir, ele destaca os principais pontos de suas reivindicações, ao mesmo tempo em que tece críticas severas a colegas de profissão e faz uma avaliação pessimista do mercado musical no Brasil.

SUMMARY

Lobão, whose work got famous in Brazil during the 80's, is one of the most prestigious composers of Brazilian rock music. Lately, he has become the most active member of a movement against industry of music and in favor of rights of musicians. In the interview below, he explains the main vindications of this campaign, and fiercely criticizes some of his colleagues and the musical market in Brazil.

João Luís Woerdenbag, popularmente conhecido como Lobão, é uma figura ativa no meio musical brasileiro há mais de vinte anos. Ao lado de bandas como Titãs e Legião Urbana e cantores como Cazuza e Lulu Santos, foi nome de destaque de uma geração importante para a renovação da música brasileira.

Há alguns anos, porém, Lobão ampliou o seu raio de atuação. Em 1999, tornou-se independente e optou por ter seus discos vendidos em bancas de jornal. Na mesma época, passou a encabeçar campanhas em favor da numeração dos CDs produzidos no Brasil e da criminalização da remuneração das rádios por parte das indústrias fonográficas — prática conhecida como *jabá*.

O esforço já rendeu frutos concretos: em abril de 2003, entrou em vigor a lei da numeração. Os discos produzidos a partir dessa data passaram a incluir um código de duas letras designando o número do lote a que pertencem e quantas unidades teve a tiragem do produto. Com isso, os próprios artistas, e não apenas as gravadoras, adquiriram instrumentos para controlar os números de vendagem e o pagamento de direitos autorais.

Nesta entrevista, concedida em novembro de 2004, no Rio de Janeiro, Lobão discorre sobre os principais pontos de sua campanha contra a indústria fonográfica. De quebra, não poupa críticas a nomes consagrados da MPB, como Chico Buarque e Caetano Veloso, revela os meandros do mercado da música no país e propõe novas políticas para o setor cultural brasileiro. **(Álvaro Comin e Dmitri Fernandes)**

Álvaro Comin — Dos anos oitenta até hoje, o que mudou no seu repertório?
Alguns dizem que estou mais *light*, outros que estou mais pesado, ou que fiquei mais "brasileiro". Mas eu sou assim. Posso tocar *drum'n'bass*, posso tocar samba, eu consegui essa liberdade. Às vezes, faço um show com uma roupa mais pesada ou mais leve, mas isso não significa muito. É uma coisa absolutamente *randômica*. Na verdade, saí da gravadora para definir e afirmar essa situação de que sou um artista sem filiações. Eu sou um traidor. Tive problemas com a indústria justamente porque eu queria fazer um disco de samba e diziam: "não, você é roqueiro". Eu levei lata no *Rock in Rio* porque as pessoas não conseguiam me definir. Eu acho isso ótimo.

Dmitri Fernandes — Dizem que a questão econômica foi a que mais pesou para você ter deixado a gravadora, pois ela estaria te enganando. O que pesou mais?
Não, não é isso. Eu estou brigando com a BMG, que me passou a perna há muitos anos, mas isso não significa que eu tenha brigado com todas as gravadoras. Eu simplesmente fui para uma outra, a Virgin, fiz um disco, depois fui para a Universal e fiz outro. Aí sim, na Universal, começou a campanha contra a pirataria, e eu me neguei a colaborar, pois achava um absurdo. Tinha gente que lutava pela numeração há quarenta anos, pessoas como o Chico Buarque e o Caetano. Eu disse para eles: "Para que fazer essa campanha num momento em que a indústria está fragilizada, em que a gente tem como mote a numeração?". Mas eles fizeram incondicionalmente. E o meu mote foi justamente o contrário: de que agora as indústrias que forem flagradas adulterando número são enquadradas na lei da pirataria.

Dmitri Fernandes — Você teve uma participação famosa no programa do Fausto Silva. Como foi esse episódio?

Eu disse, no ar, que se a pirataria paraguaia era a oficial, então era a favor da paraguaia. E a partir daí comecei a fazer campanha pela numeração. O fato de eu ter sido expulso da gravadora na mesma hora em que afirmei isso juntou-se com o de que a nossa relação já não vinha bem. Eu não queria participar do Faustão. Mas as pessoas da gravadora diziam: "vai ou não vai ao Faustão?". E o meu problema não era ir ou não ir, mas me inserir no programa da maneira que eles querem que você se insira. Por exemplo: estou lançando um disco agora. Se eu

tiver um espaço ao vivo no Faustão para tocar a minha música, eu vou — é um espaço que estou ocupando. Agora, se me disserem para ir ao programa e participar de um jogo tipo "sexolândia", claro que vou recusar, pois então ficaria a serviço deles. É besteira se apegar a dogmas babacas. É preciso usar a televisão da maneira mais pragmática em relação aos nossos objetivos.

Dmitri Fernandes — Você foi um dos primeiros artistas a sair das gravadoras e tentar algo independente. Como se sentiu quando viu que não estava mais na indústria fonográfica?

Estava morrendo de medo. Não sabia mais o que fazer da vida.

Dmitri Fernandes — Você pensou que era o fim?

Com o decorrer dos anos, acabei me tornando uma pessoa antipática. As pessoas não gostam de mim há muito tempo. Fui gastando minhas munições todas e naquele momento vi que não tinha como, não tinha para onde...

Dmitri Fernandes — Não tinha nenhuma possibilidade na frente?

A única possibilidade era fazer um acústico.

Dmitri Fernandes — Ou seja, voltar para a indústria.

Quando fui dispensado da gravadora, ainda não havia nenhuma perspectiva de me tornar independente. Acho que ninguém poderia pensar nisso. Um artista que está numa gravadora pensa que vai sair de um selo e entrar em outro, porque não é simples fazer um disco. Quando saí da gravadora, comecei a conceber um disco com o que eu podia elaborar, que seria *A vida é doce*.

Álvaro Comin — Isso foi quando?

Em 1998. Vieram alguns empresários, ouviram o repertório do disco e disseram: "Lobão, você é um artista consagrado. Com esse repertório, poderia fazer um Acústico da MTV e vender um milhão". Mas eu não queria. Acho isso ridículo. Não que eu não goste de tocar música acústica. O problema é o formato, que é uma CPI, é viciado, e eu não estou a fim. Estou querendo discutir a minha linguagem. É por isso que existe essa confusão, se estou em uma fase ou outra: porque estou mudando de linguagem eternamente. Para mim, a principal inquietude em relação a isso é que faço parte de uma geração que não tem identidade — a gente fala em identidade cultural, identidade nacional, e eu me sinto muito mal em fazer *rock* num país que não tem essa cultura. Eu fico horrorizado com isso. Penso que há várias síndromes de um artista brasileiro nesse sentido: ou você reage a essa colonização e se torna um "ariano suassunista", ou absorve tudo de maneira indiscriminada. Vejo várias falhas nesses dois modelos, e procuro transitar entre os dois. Eu fiquei no meio.

Dmitri Fernandes — Você defende a antropofagia?

Não. Eu também pesquisei sobre antropofagia e acho que é uma maneira cínica e ressentida de absorver a cultura de fora. Você faz um eufemismo, uma metáfora do autor... Não. O canibal não come quem ele ama. O processo de absorção artística é um processo amoroso, não cabe a você ser sacana e roubar. Aquela coisa do herói sem nenhum caráter; eu não tenho nada a ver com isso. Por outro lado, é muito difícil ter um processo de dignidade própria, sublimar aquilo que você está absorvendo sem uma imposição, ou seja, com uma consciência clara de que se trata de uma absorção, de um ato amoroso, e conseguir, através de todos os seus arquivos de informação, metabolizar isso em algo diferente.

Nós temos essa cizânia no Brasil. Vocês vêem, por exemplo, essa cultura necrófaga da Maria Rita. Isso é um absurdo. Ela é horrível. E o pior é a reação da crítica, que a considera o arcabouço do que somos, do que consideramos como dignidade cultural. E por que aquela deformidade nos representa? Por que tanto orgulho dessa representação barroca e insubstancial, pouquíssimo representativa? Quem é que vive isso? A Elis Regina já era um anacronismo naquela época.

Álvaro Comin — Mas ela era original.

Olha, eu também tinha ojeriza à Elis Regina, mas tudo bem, era ela, exatamente. Agora, já naquela época, não entendia como isso podia existir. Quando falo isso, leia-se Edu Lobo, Chico Buarque... Em termos de anacronismo, isso não pode existir.

Dmitri Fernandes — Anacronismo em quais termos, Lobão?

Pense, por exemplo, numa música como "Carolina", do Chico Buarque. Parece que você está nos anos vinte. É uma coisa mofada, de um brasilianismo renitente. Além do quê, tem uma coisa cristã na poesia desses caras que é horrível.

Dmitri Fernandes — Você enxerga catolicismo nessas músicas que você citou?

Elas estão embevecidas de cristandade. Pegue "Gente humilde" [Garoto, Vinícius de Moraes e Chico Buarque], por exemplo. "É gente humilde, que vontade de chorar". Ridícula! Ou "Amigo é pra essas coisas" [Aldir Blanc e Silvio da Silva Jr.], que eu estava cantarolando: "Salve, como é que vai? Amigo há quanto tempo. Um ano ou mais. Posso sentar um pouco. Faça o favor. A vida é um dilema. Nem sempre vale a pena. Pô. O que é que há? Rosa acabou comigo. Meu Deus, por quê? Nem Deus sabe o motivo. Deus é bom. Mas não foi bom pra mim. Todo amor um dia chega ao fim". Que merda, muito ruim, é uma pena de si mesmo, você sente a comisseração! É diferente do *blues*, que tem a dimensão sexual, ali, vital, que não é Deus. Há um embevecimento terno diante da pobreza, e isso é horrível. "Meu guri", "Gente humilde",

mesmo "Construção", com aquelas proparoxítonas todas... É uma inteligência fecunda a serviço de porra nenhuma.

Eu não sou um roqueiro típico, daqueles que as pessoas chamam de burro. Tenho uma certa cultura, mas mesmo assim não consigo gostar dessas coisas. Eu gosto de música clássica, gosto de choro, toco praticamente todo o repertório de violão, toco todas as músicas do Villa-Lobos, do Pixinguinha, do Garoto. Mas pense nessa MPB meio universitária, da época dos festivais. Você quer coisa mais deprimente do que "O que é o que é", do Luiz Gonzaga Júnior? "Viver e não ter a vergonha de ser feliz"? Aquilo é o melo do maníaco depressivo. E você fica convivendo com todo esse arcabouço de inteligência cultural popular. Acho isso uma merda, sempre tive o maior bode. Mas sempre gostei da Velha Guarda, que também tem pontos muito ortodoxos... No início dos anos oitenta, eu conversava muito com Júlio Barroso, com Cazuzu, tentava com eles elaborar um plano para nos livrar da pecha de filhotes da Tropicália e ao mesmo tempo evitar a armadilha de nos transformar na juventude brasileira moral e cívica, na geração pró-arte, que fundou uma série de oligocéfalos por metro quadrado.

Álvaro Comin — Você tem uma identificação de geração?

Não, porque eu fui o maior iconoclasta entre os artistas desse período. Por um lado, tinha esse culturalismo de que falei, e, por outro, o "porralouquismo", representado por aquelas bandas que tocavam em inglês. São dois extremos horrorosos. Eu não quero ser uma subsidiária cultural no Brasil, e muito menos parecer um museu de velharia e quinquilharias. Por isso fiquei muito sozinho nos anos oitenta. Além do quê, eu era um pouco mais velho.

Álvaro Comin — Como você vê a relação das bandas dos anos oitenta com a indústria fonográfica?

A indústria pasteurizou a nossa produção. Admitiu de primeira hora porque achou que se tratava de uma situação inofensiva, de uma nova e terna Jovem Guarda que eles poderiam administrar. Mas, com o decorrer dos anos, os repertórios começaram a ficar muito incisivos, mais até do que canções de protesto do tipo "Vida bandida" ou "Que país é este". Isso começou a ter um enorme êxito, mas, de uma hora para outra, foi cortado do mercado. E o corte coincidiu com a época do governo Collor, quando começou aquela moda de sertanejo, brega, etc.

Dmitri Fernandes — Pagode, depois.

Pagode, e com a Tropicália voltando para subscrever toda essa merda — a Tropicália 2. O Gil e o Caetano vieram em 1992, fizeram a Tropicália 2 e, numa retomada do poder, tomaram conta do axé e do pagode. Eles deram a volta por cima, pegaram todo o cocô e se transformaram na via de subscrição intelectual para dizer: "comprem

isso". Aí fizeram o conluio Carlista e tomaram conta da Bahia, que virou um império de micareta. Na verdade, aquela coisa da "Máfia do Dendê" existe, e existem ramificações poderosas nisso. Basta dizer que os "sobreviventes" dessa geração dos anos oitenta acabaram se filiando à Tropicália: o Arnaldo Antunes, os Paralamas do Sucesso — todo mundo virou filhote. Ao passo que nos anos oitenta havia um processo de confronto. Não pode! Era o que eu falava para o Caetano: "Porra, se eu fosse seu contemporâneo, eu poderia até te admirar, mas eu não posso agora!". Tenho uma questão geracional, não posso, é um confronto de interesses e são vetores que se chocarão. Na nossa trajetória não tem como existir outra situação. De repente, o Gil vira ministro da Cultura, e, pela política, podemos estabelecer parcerias em outra área. Mas nessa daí...

Álvaro Comin — Como é sua relação com o Ministério da Cultura?

Já tivemos vários "arranca-rabos" e várias parcerias. Falei com a Secom [Secretaria de Comunicação Social] e marcaram uma audiência no Ministério da Cultura comigo. E eu fui para defender a criminalização do jabá. Primeira coisa: é preciso criar acessos tributários, facilitar a vida da música independente. Ver se a gente tira a isenção de ICMS das gravadoras, porque não fazem nada de novo, e deixa a isenção só para a música independente. Você sabe a história da isenção? Nos anos setenta, as indústrias pegavam o disco dos Beatles e traziam para cá a custo zero. Então, como viram que o mercado queria consumir música brasileira, tiveram que começar a gravar. Mas como os gastos eram maiores (estúdio, maestro), foram ao governo pedir isenção. Em troca, incluíram no disco a tarja "cultura". Agora não tem mais a tarja. Agora é mercado, é mercado...

Álvaro Comin — Mas a isenção continua, não?

Exatamente, não acabou a isenção. Então, entramos no mercado de revista porque não tem ICMS. Mas por quê? A gente poderia entrar no mercado de disco. Veja o absurdo: você tem que fazer uma revista, ir para o outro lado do mercado... Uma revista com setenta páginas.

Álvaro Comin — Sai mais caro?

O custo de uma revista dessa? R\$ 12, 90!

Dmitri Fernandes — Com o CD?

Com o CD. E o artista está ganhando o dobro do que ganharia se o CD fosse vendido por quarenta reais. O consumidor paga R\$ 12,90, o artista ganha mais e a revista está toda paga! Como conseguimos fazer isso e eles não conseguem? Como, por exemplo, o disco do BNegão ultrapassou em vendagem o do Marcelo D2? Na nossa revista, o disco do BNegão já ultrapassou o disco do D2. Mas ninguém ouve o BNegão na rádio, nem vê na televisão.

O que queremos com esse empreendimento é mostrar, paulatinamente, que as indústrias fonográficas estão roubando o artista. A crise do disco se deve ao congestionamento de intermediadores, principalmente no Brasil. Não pode ter tanta gente ganhando. Para que a música toque no rádio, é preciso pagar muito. Todo mundo fala que o jabá está institucionalizado, mas é "caixa 2". E de onde vem esse dinheiro? Esse dinheiro é milionário!

Dmitri Fernandes — Pirataria oficial.

Isso não é pirataria, isso é corrupção.

Dmitri Fernandes — Mas vem da pirataria oficial.

Não, hoje não vem mais. Os discos estão numerados, há um controle maior sobre o disco. Mas é preciso saber da isenção do imposto, pois esse dinheiro vai para lá. Sabe o quanto se estima que vá para o buraco negro nos Estados Unidos, anualmente? 125 milhões de dólares em jabá. No Brasil deve estar na faixa dos 100 milhões de reais. É como um parasita, as pessoas não têm a dimensão de como isso acaba com uma cultura. E um veículo de censura.

Não é apenas uma questão de dinheiro. Se eu pegar 100 mil reais, que é o preço para tocar um mês em uma rádio...

Álvaro Comin — 100 mil?!

Dmitri Fernandes — Para tocar um mês? Quantas vezes por dia?

Um mês, cinco vezes por dia em horário nobre. Se tocar uma vez às quatro da manhã, não conta. É uma questão de monopólio do poder. As pessoas ficam abominando a ditadura militar, que usou e abusou da censura, mas precisam entender que o jabá é uma maneira cruel e perversa de censura e manipulação de poder. Esse é o ponto. Pense em quantos milhões é preciso gastar para promover um disco. E esse dinheiro vem de onde? É claro, não há como vender por menos de quarenta reais. O problema é que nunca quiseram discutir.

Agora, felizmente, conseguimos montar uma radiografia de contraste e mostrar isso para a opinião pública. Eu me orgulho de ter acabado com duas campanhas multimilionárias promovidas pela indústria: a primeira foi essa da pirataria. Bastaram três aparições minhas na televisão e virou um esculacho, acabou a campanha. Eu fiz um *happening* num programa daqueles, olhava para a câmera e falava assim: "Caretano Veloso, Milton Falecimento, Chico, seus canalhas, seus filhos da...", isso acabou com os caras.

A segunda foi contra aquela história de que rádio pirata derrubava avião. Mais de um milhão de dólares foi gasto na campanha. E eu peguei com os engenheiros da Embraer uma tablatura com todas as frequências e levei ao programa do Faustão. Então aproveitei e disse: "Olha, Ministro das Telecomunicações, esta aqui é a carta da Embraer.

Manga não talha com leite, Papai Noel não existe e nem avião cai com rádio". No dia seguinte, o ministro me telefonou: "Vem aqui tomar um cafezinho". E acabou a campanha.

É preciso aproveitar esse momento. As indústrias, que eram fortes, estão cada vez mais fracas.

Álvaro Comin — Por quê?

Por inépcia, pelo gerenciamento, vicissitudes operacionais.

Dmitri Fernandes — Você acha que a Internet também prejudicou?

Não, aqui não, aqui é o camelô! E o problema não são apenas os intermediários do jabá. Existe uma segunda questão: o superfaturamento das lojas de discos. Por vezes o lucro é de 300%. Um produto que poderia ser vendido por seis reais sai por quarenta. Então aprendi uma coisa singela: indicar o preço já editado na capa. Estamos aprendendo a driblar essa maneira bárbara de se fazer negócio.

Esses dias eu recebi uma circular que dizia que 95% dos artistas brasileiros não participam da mídia. Desde o Paulo Moura até o artista que está começando, 95% não estão na mídia.

Dmitri Fernandes — A qual mídia você se refere?

Ao rádio, esse é o grande problema: a mídia é o rádio. As pessoas tentam tangenciar, vão para a internet e não sei mais o quê, mas o ponto gravitacional do *showbiz*, no mundo inteiro, é o rádio. Quem detém o rádio, detém o poder. Não adianta eu ir ao Faustão se as pessoas não conhecem a minha música, e se não conhecem é porque não está tocando. Além disso, quem providencia as participações nos programas geralmente é o rádio.

O jabá começou a ficar maior em 1988, com o prolongamento do mandato do Sarney. Ao lado do Antônio Carlos Magalhães, ele despejou mais de 1700 concessões de rádio. Com isso, foram criadas as grandes redes. A *Jovem Pan*, por exemplo, tem 749 rádios afiliadas e mais cinquenta repetidoras. São 800 emissoras no Brasil! E rádio, que é totalmente regional, a programação toda transmitida de São Paulo.

Álvaro Comin — AM?

FM. A música que sai na programação toca na rede toda. O jabá é canalizado.

Álvaro Comin — Um jabá só?

Na época do É o Tchan, a gravadora pagou um milhão de dólares de jabá. O executivo vira um mercenário. Sabe qual é o problema da ruína? O Prince estava dizendo isso: as pessoas que estão no *business* não gostam e não entendem do assunto.

Dmitri Fernandes — Você diria que a incompetência nesse meio é endêmica?
Uma vez eu fui fazer uma mixagem no exterior e o cara da gravadora não sabia dizer *the book is on the table*. Isso porque era um diretor artístico. As pessoas que estão no ramo não têm condições. Estão começando a contratar o diretor da Nabisco, o diretor de marketing da Tostines, porque o sujeito é um especialista em gôndolas de supermercado. Claro que ele vira um tecnocrata da gravadora. Por isso a situação está essa merda.

O pior é que eles alegam que estamos vivendo uma crise criativa. "Essa geração não deu os grandes nomes que deram outras", dizem. Mas eles não deixam! É por isso que estou lançando a revista. Estamos dando um banho, é só discaço que sai. Artistas de todos os feitios, tamanhos, cores, é uma profusão, a verdade é essa. Mas a programação é essa que vocês ouvem no rádio. É horrível sob todos os aspectos.

Dmitri Fernandes — Mas você não acha que esse impedimento das rádios acostumaria o ouvido das pessoas, impossibilitando a venda de discos de melhor qualidade?

O problema é que, em vez de vender um milhão de cópias de *É o Tchan*, seria possível ter um catálogo com cem artistas que vendem 10 mil cópias. Por que vender um milhão de um artista só? Ainda mais de uma banda que não se sustenta?

Álvaro Comin — E que vende um disco só e depois some.

As gravadoras não têm mais catálogo. Elas acabaram com a variedade, ficam só repetindo. E agora acham o máximo construir um artista e depois jogar fora

Dmitri Fernandes — Mas tem um ou outro artista que a imprensa e as gravadoras lançam com o argumento de que também estão em busca de qualidade.

A Maria Rita... Talvez o marketing da Warner tenha sido mais esperto, no sentido de que pirataria também é nível. Porque disco para o povão é disco para quem que não tem grana. A Maria Rita é mais chique. Fizeram um projeto de vendê-la para a classe alta e deu certo, pois o disco vendeu 300 mil cópias. Isso mostra que não é apenas questão de dinheiro. É o que torna as coisas complexas e interessantes. Há pontos de inserção nesse mercado.

Eu mesmo, quando lancei meu último disco de gravadora, fui rejeitado pelas rádios. Ninguém quis tocar, alegando que era esquisito, que eu tinha perdido a mão. Mas mesmo assim ele vende. Talvez eu seja o único artista da minha geração que tem fãs da nova fase, que foram criados justamente por esse tipo de cerceamento. Estou num nicho. Mas fico incomodado porque sei que o potencial de expansão é muito maior. Esperamos que venham outros executivos, com outra cabeça, para reformar a indústria.

Álvaro Comin — *O Estado tem algum papel nisso?*

Acho que sim, afinal de contas, é a informação do povo todo. O que tocar no rádio é o que, no final do ano, está todo mundo cantando. É a trilha sonora. O governo tem que ver isso. Se não existe mais a censura da ditadura, existe a...

Álvaro Comin — *Do mercado.*

Do intermediário. "Eu quero isso, faz isso..."

Dmitri Fernandes — *Mais ou menos 80% das músicas que tocam em rádio no Brasil são nacionais.*

É, isso é uma característica do Brasil.

Dmitri Fernandes — *Mas aí existe um problema, porque estamos lidando com o gosto. Pois o pessoal das rádios e gravadoras sempre vai se gabar de tocar música nacional, não importa que sejam músicas "descartáveis".*

Não, não é isso. Eu vejo assim: toca-se 80% de música nacional, mas, desses oitenta, 95% dos artistas estão excluídos. Não pode! Não estou falando de qualidade, mas de diversidade. Quem sou eu para dizer o que é bom e o que não é? É preciso haver um panorama de diversidade. E cada rádio, que tem um segmento, vai optar pela sua afinidade. Devemos incentivar as rádios a aumentar a programação. São quatrocentas músicas tocando por dia. É muito pouco. Poderia haver uma lei que obrigasse as rádios a tocar quinhentas. Outra coisa é um detalhe ridículo, mas importante: as rádios têm que falar o nome do autor. Se a gente conhece hoje em dia Lennon e Mc Cartney, Roberto e Erasmo, é porque esses nomes eram ditos no rádio. Hoje não tem mais isso. É um problema seriíssimo. Eles não querem porque é em horário comercial.

É preciso arrumar essa bagunça, e por isso estamos chamando o Ministério da Cultura. Por causa da numeração, estamos com algum poder na Câmara dos Deputados. E, ao mesmo tempo em que isso acontece, há uma organização enorme dos meios independentes. Dá de dez na indústria.

Álvaro Comin — *As gravadoras ganham com a pirataria?*

Não. O que aconteceu foi o seguinte: antes da numeração, com o advento do plano real, começaram a vender em consignação. Fabricavam, por exemplo, 500 mil cópias de um disco que vendia 300 mil. Teoricamente, passavam um trator em cima dos CDs que sobravam, mas, na realidade, eles iam até os camelôs e vendiam o excedente, por debaixo do pano, ao preço de vinte centavos a unidade. Com isso, foi se formando uma indústria. Os atravessadores foram crescendo, crescendo, até que começaram a descolar a matriz em vez de cobrar a unidade, para a pirataria. Hoje a cópia é gravada diretamente do monitor, e o CD pirata chega antes mesmo de a gravadora lançar o disco.

A indústria, então, criou dois monstros: a pirataria e o jabá, e agora está refém disso. Me canonizariam se eu resolvesse esse problema, mesmo sendo inimigo. Pois não querem mais pagar jabá, não conseguem. Essa questão da má-administração é predatória, vai criando uma série de monstros.

Álvaro Comin — Porque eles resistem tanto à numeração? E só para prejudicar o artista?

É manipulação, tanto para cima quanto para baixo.

Álvaro Comin — E se fabrica disco de ouro o tempo inteiro, não é?

Você levanta um e abaixa o outro, superfatura, tira de um para outro — não tem controle nenhum. Você está lidando com unidades, milhões dessas unidades.

Dmitri Fernandes — Na década de oitenta, você teve músicas muito executadas mas não recebeu o equivalente. Como foi isso?

A gravadora disse que eu vendi 23 mil cópias do *Vida bandida*. Um disco que era para vender um milhão e meio, vendeu 30 mil cópias? Eu fiquei completamente indignado.

Dmitri Fernandes — Mas você não podia perguntar o que estava acontecendo?

Não, não tinha como. Diziam que era a palavra deles contra a minha. E tinha que calar a boca, porque se quisesse falar sobre numeração acabava morto um dia desses.

Dmitri Fernandes — Morto realmente ou morto artisticamente?

Morto mesmo, sete palmos abaixo da terra. Levava tiro e morria. A numeração virou tabu. As gravadoras ganharam muito dinheiro com isso. Imagine: o sujeito diz que vai prensar 10 mil cópias, prensa 50 mil, vende 30 mil e diz para você que vendeu duas. Já pensou quanto dinheiro ele não pode embolsar? Era um golpe incrível, a galinha dos ovos de ouro deles.

Álvaro Comin — E como você vê essa multiplicação dos selos independentes? Eles não sabem operar, não têm como... Eles não conseguem escoar a produção.

Dmitri Fernandes — E uma questão de distribuição?

Não. É de gerenciamento de mercado. Como aparecer num mercado totalmente congestionado? Os números de produção são inviáveis. Para você tocar uma música custa 100 mil em uma rádio. Ou seja: para expor razoavelmente uma música, é preciso gastar um milhão de reais! Imagine se você tem vinte, trinta artistas no mesmo selo.

Álvaro Comin — Isso é caixa dois mesmo, não?

A situação é aberrante, virou um mercado irreal. O preço do CD está proibitivo. Está todo mundo independente, Djavan, João Bosco, Paulinho da Viola, Erasmo Carlos. Raro hoje em dia é encontrar quem não esteja independente. Mas se me perguntassem se eu voltaria para o esquema de gravadora, eu diria que sim, até porque é outro patamar de profissionalismo que se estabelece. O que estamos fazendo com a revista é uma espécie de cartilha. Estamos educando o artista novo para se defender, para não cometer erros como os que cometi no passado, quando assinei contratos no escuro e acabei me estrepando. Queremos melhorar a qualificação do *show business*, da mão-de-obra, dos empregos envolvidos, dos músicos, advogados, empresários. Temos interagido com instituições fora do Brasil e feito palestras em diversos lugares. Estão querendo importar a idéia da numeração para a China, para os Estados Unidos. Afinal, somos o único país do mundo que tem numeração de disco.

Álvaro Comin — A numeração só é obrigatória no circuito independente?

De forma alguma. O circuito independente é o de menos. Nós queremos os grandes. Eles são o cerne da questão. Já estão devidamente numerados e podem ser escrutinados a qualquer momento. Existe também um dispositivo na lei que permite que a nossa associação [Associação para o Controle e Proteção do Direito Autoral], por meio do presidente, possa pedir uma auditoria. Se forem pegos, são enquadrados na lei da pirataria.

Dmitri Fernandes — Como foi formada essa associação?

Ela foi criada no bojo da lei. A lei pressupõe que haja um órgão controlador, e que receba diretamente da gravadora para se manter. Temos um caixa, e nós recebemos deles para vigiar a eles mesmos. Ainda estamos nos organizando. Mas temos o suficiente para, a qualquer momento, mesmo sem um projeto sedimentado, pedir uma auditoria.

Dmitri Fernandes — Em que momento você se viu como líder desse movimento?

Isso se deu de maneira caótica. Eu nunca tinha pensado, por exemplo, em fazer palestras, mas já fiz mais de mil, em tudo quanto é buraco que você possa imaginar. Os convites aparecem por acaso, e aos poucos foi se adensando um caldo bacana, principalmente no núcleo universitário. E com a numeração, que se efetivou depois que a deputada Tânia Soares, do PC do B, leu uma entrevista minha na *Caros amigos*, eu fiquei com um poder de barganha enorme na mão. É claro que eu telefonei para o Caetano, para o Gil, dizendo que agora eles iam ter que me aturar.

Álvaro Comin — Depois disso esse pessoal queria pegar carona no mesmo barco?

Eles queriam, mas, como eu ia colher os louros sozinho, tomaram o caminho inverso. No início, eu e a Beth Carvalho tentamos cercar o

problema, fizemos um site a respeito e pedimos aos que fossem de opinião contrária que antes viessem falar conosco. Isso porque, como o assunto é tabu, poderíamos perder a lei. Mas uma semana depois o Caetano e o Gil estavam me detonando, dizendo que eu estava maluco.

No fim foi bom, porque muita gente começou a desmoronar. E agora vivemos a decadência desses artistas que viraram *Teletubbies*: porque tem muito artista que, em vez de revolucionário, prefere ser funcionário.

Álvaro Comin — Qual o próximo desafio?

Um dos grandes desafios é a criminalização do jabá. Já existe um projeto do Ministério da Cultura nesse sentido. Agora o nosso plano é crescer. Esse é o nosso grande objetivo: fazer barulho para perceberem que estamos aqui. Pense bem: o jabá era um termo pouco conhecido, mas hoje todos já sabem o que é.

Se bem que esses assuntos são espinhosos, muita gente não tem estrutura para discutir e acha que é loucura. Enquanto não falarmos sobre isso, não vamos crescer. E olha, se eu estou irritado é porque tenho algum motivo. O próprio Caetano fala assim: "ah, o Lobão só quer aparecer". Será que o que estou falando não tem nenhuma pertinência?

Dmitri Fernandes — Você considera que não analisam o conteúdo do que você fala?

Será que eu passei esses anos todos só tentando me promover? Até quando vão dizer que eu estou "doidão"? "O Lobão é invejoso", "o Lobão é fracassado", "o Lobão está fora das gravadoras". De certa forma é bacana, porque eles estão morrendo com a boca cheia de formigas também. É o preço que vão ter que pagar.

Recebido para publicação
em 18 de fevereiro de 2005.

NOVOS ESTUDOS

CEBRAP

nº 71, março 2005

pp.183-195
